

O veterano Sarney sente de novo o gosto do poder

Sua experiência o torna um amigo indispensável para Lula e outros novatos do Planalto

ROSA COSTA

BRASÍLIA – Depois de amargar um período de baixa no ano passado, com a derrocada da candidatura presidencial de sua filha Roseana, o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), deu a volta por cima e desfrutou, outra vez, o prestígio de seus melhores tempos. Respeitado pelos ainda inexperientes ocupantes do Planalto, ouvido com atenção em momentos de incerteza, ele revive momentos marcantes de uma carreira política de quase 50 anos, que já o levou a ocupar a cadeira presidencial.

O apoio de Sarney a Lula, que ajudou o petista a chegar à Presidência na sua quarta tentativa, foi também decisivo para a recente virada na vida política do senador. O próprio Sarney conta, bem-humorado, a história de um carregador de malas que veio a seu encontro no aeroporto de São Luís, no fim da última campanha. O trabalhador o abraçou e, com ares de vitorioso, disparou: "Beleza, hein, presidente, nossa oligarquia derrotou todo mundo!"

Passados pouco mais de seis meses, a saudação do contrarrevolucionário parece ter-se tornado realidade. "Sarney é uma figura que tem de ser analisada com profundidade", sugere o senador Pedro Simon (PMDB-RS). "Ele foi a maior força durante o regime militar e hoje é o homem em quem Lula mais confia no Congresso."

Entre os motivos para isso, acredita Simon, está a pouca experiência dos petistas no governo, sobretudo a do presidente da Câmara, deputado



Com o amigo "Zé Dirceu", em recente almoço: segundo Simon, Sarney "é o homem em quem Lula mais confia no Congresso"

João Paulo Cunha (PT-SP). Segundo o senador, a "timidez" de João Paulo e a inexperiência de quem só agora ocupa um cargo importante fortalecem o presidente do Senado. "Sarney está de primeira." Para o senador Gérson Camata (PMDB-ES), até na aparência pessoal é possível constatar os efeitos, em Sarney, do "forte convívio" com o poder. "Ele está mais arrumadinho, remoeu e até cresceu", observa, sem perder a chance de provocá-lo, chamando-o de "mata-borrão do poder". "Passou perto, ele puxa", compara.

Sarney é um homem preparado, tarimbado. Se o governo bobear, ele põe o bigode no governo

Arthur Virgílio

A tese de que informação e poder são inseparáveis se reforça no dia-a-dia do presidente do Senado. Fontes do Palácio do Planalto contam que ele e o ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, conversam todos os dias. O ministro o trata por "presidente" e é chamado de "Zé Dirceu"

pelo senador. "Sarney é um homem preparado, tarimbado. Se o governo bobear, ele põe o bigode no governo", ironiza o líder do PSDB, Arthur Virgílio (PSDB-AM).

Segundo alguns parlamentares, o senador também é constantemente abastecido com informações transmitidas por ex-

auxiliares, amigos e simpatizantes, do meio militar, empresarial e no Judiciário.

Militares – Isso o mantém a par de tudo o que ocorre no governo. Seus amigos lembram que foi Sarney quem aproximou os militares de Lula, por intermédio do ex-ministro do Exército Leônidas Pires Gonçalves. Um deputado avalia que a chamada "bancada Sarney" na Câmara e no Senado tem cerca de 80 integrantes, incluindo opositoristas que, por conta de uma amizade de muitos anos, seguem sua orientação nas votações no Congresso.

Quem o conhece acha normal ele agregar tanta gente. "Ele cria uma relação de cumplicidade, ouve várias pessoas sobre um mesmo assunto, mas no fim faz sempre o que deseja", sintetiza um amigo, ao falar de sua habilidade política. A essa qualidade, mais à paciência de escritor, é adicionado o fato de ele ter sobrevivido aos tempos ruins do governo de seu sucessor Fernando Collor e do fim do governo de Fernando Henrique, quando parecia condenado ao ostracismo. Hoje ninguém duvida de sua capacidade de nomear aliados e de influir em todos os setores do governo, do preço da gasolina à condução da reforma da Previdência.

O líder do PFL, José Agripino (RN), não tem dúvidas: "Sarney é o homem do governo, é o articulador, o aparador de arestas." A razão de tudo, para ele, é clara. "Os dois líderes (no Senado, Aloizio Mercadante e Tião Viana) são destreinados no exercício da convivência política e isso faz com que se leve para Sarney tudo o que corre no Congresso", alega. Agripino observa que os líderes petistas "ainda não se conscientizaram de que o governo não tem o direito de tratar a oposição como a oposição trata o governo".

Mesmo o petista Paulo Paim (RS), vice-presidente do Senado, reconhece o prestígio de Sarney na base aliada e até mesmo na oposição. "Sem sombra de dúvidas, isso faz com ele seja um dos homens fortes do governo", constata. Além da falta de experiência dos líderes governistas, Paim acha que a falta de experiência "da oposição na oposição" termina fortalecendo o papel do senador. "Nesse mar revolto, ele acaba navegando com tranquilidade, é o timoneiro."